

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IN MEMORIAM ENNIO MORRICONE
17 e 25 de Setembro de 2020

LA RESA DEI CONTI / 1966
(O Grande Pistoleiro)

Um filme de Sergio Sollima

Realização: Sergio Sollima / Argumento: Sergio Sollima e Sergio Donati, baseado numa história de Franco Solinas e Fernando Morandi / Direcção de Fotografia: Carlo Carlini / Direcção Artística: Carlo Leva, Carlo Simi e Nicola Tamburo / Guarda-Roupa: Carlo Simi / Música: Ennio Morricone / Som: Pietro Spadoni / Montagem: Gaby Peñalba / Interpretação: Lee Van Cleef (Corbett), Tomas Milian (Cuchillo), Walter Barnes (Brokston), Nieves Navarro (a viúva), Gerard Herter (barão von Schulenburg), Maria Granada (Rosita), Roberto Camardiel (xerife), Angel del Pozo (Chet Miller), etc.

Produção: PEA / Produtores: Tullio Demichelli e Alberto Grimaldi / Cópia em vídeo digital, cor, falada em italiano com legendas em inglês e electrónicas em português / Duração: 110 minutos / Estreia em Portugal: Europa, 18 de Abril de 1969.

Sergio Sollima (1921-2015) foi um dos principais cultores do género que ficou conhecido como “western-spaghetti”. Embora não tão conhecido como outros cineastas que colheram (quase) toda a sua fama dentro desse género (como Sergio Leone ou Sergio Corbucci), Sollima assinou um dos clássicos absolutos do “spaghetti”, **Faccia a Faccia**, realizado no ano seguinte a este **La Resa dei Conti** que agora vamos ver. Vale dizer também que Sollima – uma das últimas encarnações europeias de uma espécie de “modéstia” industrial e um especialista em filmes de género – não se demorou muito no “western”, e a partir dos anos 70 quase todos os seus filmes mais conhecidos se instalam dentro de outro dos mais persistentes géneros do cinema italiano, os policiais urbanos que ficaram conhecidos como os *poliziotteschi all’italiana*. Já agora, e porque isso também atesta a versatilidade industrial de Sollima, podemos acrescentar que foi ele o realizador de um série televisiva que aqui em Portugal fez as delícias dos garotos dos anos 1970, *Sandokan*, adaptando o célebre herói de Emilio Salgari.

La Resa Dei Conti, com argumento escrito por Sollima e Sergio Donati (que escreveria **Faccia a Faccia** e, com Sergio Leone, **C’Era una Volta... il West**, entre outros títulos), comprova bem a solidificação do género, a assunção do pastiche, e a conversão da influência americana do western em algo que tende sempre a estilização (incluindo um certo excesso) e para um élan com algo de operático – o que também destaca, este último aspecto, a que ponto a música (no caso, a de Morricone) era um elemento essencial para as “texturas” do filme, como aqui se pode muito bem ver na cena inicial (preâmbulo da intriga central) e, obviamente, no desfecho. Até por isso, pela estilização e “des-naturalização” que Sollima emprega, é fácil perceber por que razão o realizador italiano tem em Quentin Tarantino um dos mais expansivos admiradores (de resto, o realizador de **The Hateful Eight** pôs **La Resa dei Conti** numa lista pessoal dos 20 melhores “western-spaghetti” de sempre, e a influência de **Faccia a Faccia**, **La Resa**

Dei Conti, e outros exemplos do gênero, faz parte do enorme caldo de inspirações com que Tarantino costuma trabalhar, e não apenas nas suas aproximações ao western).

De resto, a intriga é muitíssimo fiel aos temas de grande parte dos “westerns” genuínos, sobretudo na forma como põe em evidência a chegada da lei e da ordem (e portanto, da “política”) aos territórios de fronteira, e explora a utilização em seu favor dos artifícios da lei e da ordem pelos grandes industriais ou grandes proprietários. É assim que Corbett (Lee van Cleef, a tornar-se “ícone” depois de uma carreira de secundário em Hollywood) se vê arrastado para uma história de mentiras e equívocos deliberados, onde bons, maus e vilões não são exactamente aqueles que, no princípio, são anunciados. É curioso ver que – talvez pela perspectiva europeia – a relação com os “estrangeiros” (os mexicanos como Cuchillo, principal coadjuvante narrativo de Corbett) é vista tendo em conta todo o preconceito e toda a discriminação que lhes era votada pelos brancos de origem anglo-saxónica. Nesse sentido, a determinação rebelde de Cuchillo, a volta que a personagem dá aos olhos de todos (Corbett e os espectadores) tem uma dimensão política que talvez não pudesse haver, com a mesma ferocidade, nos westerns “autênticos”. Mesmo se – ingenuidade nenhuma – haja a plena consciência de que nunca seguirão o mesmo caminho, como os belos planos finais exprimem.

Luís Miguel Oliveira